

Nova trégua para o governo acertar a política

A inflação segue praticamente estável, com os preços aumentando entre 28% e 30% ao mês, de acordo com os últimos dados. Pequenas variações para cima ou para baixo, no prazo de poucas semanas, não indicam mudança de rumo. Podem ser importantes para quem tem grandes aplicações financeiras, mas pouco ou nada significam para a maioria das pessoas e para o conjunto da economia.

Dizer que a alta de preços da alimentação passou de 29,34% para 27,83%, entre a primeira e a segunda quadrissemanas de maio, pode parecer, à maioria das donas de casa, apenas uma brincadeira. Têm razão ao não levar a sério essas variações, não porque os números sejam falsos, mas porque a mudança é irrelevante em termos de orçamento familiar.

Importantes, nesta altura, não são as pequenas oscilações para cima e para baixo, ao longo de algumas semanas ou de poucos meses. Isso não melhora nem piora muito a situação de milhões de famílias. O fato relevante é a tendência, só perceptível em prazos pouco mais longos, de mudança de nível da inflação. Assim se passou de

22% para 25%, de 25% para 27% e, se nada mudar, a próxima parada poderá ser na faixa dos 30% ou pouco acima. Os ministros, na maior parte de suas declarações, dizem que a inflação tende a baixar, mas de vez em quando se traem, afirmando que pretendem primeiro estabilizar a inflação e depois derrubá-la.

Estabilizar significa, neste caso, impedir a subida. Este é o maior problema diante do novo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Uma inflação mensal entre 28% e 30% já seria muito ruim, mas esse é apenas um retrato instantâneo da inflação. A tendência é outra coisa.

Essa tendência está associada a vários fatores. Os básicos, ninguém duvida, são o desajuste das contas públicas e a expansão monetária. Mas a expectativa, influenciada pela confiança na política econômica, também pesa.

A reação favorável ao novo ministro, no dia em que sua indicação foi noticiada, é um fator de considerável importância. Mas a credibilidade é um ativo muito frágil. Seu desgaste pode ocorrer com grande rapidez. A

perda, nesse caso, não afeta apenas o ministro, mas também o presidente e, portanto, o conjunto do governo.

Nos próximos dois meses, alguns preços poderão subir menos acentuadamente. Certos alimentos encareceram muito e o ritmo da alta poderá ser pouco mais suave. O mesmo tende a ocorrer no caso do vestuário, depois das enormes altas de preços dos últimos dois meses. Na segunda prévia de maio, apurou-se, para a roupa feminina, um aumento de 64,35%, em São Paulo. O próprio mercado deve conter as remarcações.

Dois fatores favoráveis, portanto, podem conjugar-se a curto prazo. De um lado, é previsível, se os técnicos não estiverem errados, alguma estabilidade no ritmo da inflação. O próximo salto, segundo alguns especialistas, dificilmente ocorrerá antes de meados de julho ou de agosto. De outro, há um novo ministro, bem recebido tanto pelos meios políticos quanto pelo empresariado. Pode ser uma trégua para o governo se organizar, buscar uma articulação com o Congresso e iniciar uma política mais efetiva de estabilização.